Carolina Maria de Jesus e a leitura de mundo no Quarto de Despejo:
Andarilhagens no lugar de fala rumo ao inédito viável

SILVA, Alexandre Magno Tavares da[1]

RESUMO

A vida acadêmica nos possibilita a aproximação com diversos escritores e escritoras. Eles e Elas nos inspiram no debruçar teórico e metodológico junto aos nossos campos investigativos e nossas áreas do conhecimento. Vamos com eles e elas dialogando e construindo e desconstruindo possibilidades de sentir, pensar e agir diante da realidade e das temáticas nela presente. Mesmo com esse diálogo (físico, virtual e literário), eis que a realidade nos impacta de tal forma que, somos levados(as) a nos aproximarmos de outros escritores e escritoras, em busca de outras concepções, cujas leituras são motivadas, muitas vezes, por situações para além da vida acadêmica, nossas vidas, desejos, curiosidades. Digo a vocês que esta é uma experiência muito interessante. O objetivo deste pequeno texto é o de iniciar aproximações entre Carolina Maria de Jesus e o Paulo Freire partindo dos elementos presentes nas obras *Quarto de Despejo* e *Pedagogia do Oprimido*. Elementos que nos possibilitem a leitura do *Quarto de Despejo* na *Pedagogia do Oprimido* e da *Pedagogia do Oprimido* no *Quarto de Despejo*. Para mim, está sendo uma experiência desafiadora, empadada de limites e possibilidades; entretanto, se faz necessária pois existem desafios no pensamento pedagógico e social do professor Paulo Freire, bem como na cotidianidade dos(as) oprimidos(as) que apenas através das aproximações com as criações desses personagens seria possível alargar as brechas e fortalecer as resistências dentro deste sistema inundado por uma retórica do ódio. Esta tarefa tem a ver, também, com o desejo de colaborar com o pensamento decolonial, mas esse é um tema que podemos deixar para uma próxima conversa.

Leitura de mundo. Carolina de Jesus. Paulo Freire.

Carolina Maria de Jesus and the reading of the world in the Dump Room: Wandering in the place of speech heading to the unheard viable

ABSTRACT

[1] Doutor em Ciências da Educação pela Wolfgang Goethe Universität-Frankfurt. Professor do Departamento de Metodologia da Educação CE/UFPB e do PPGDH. Email: alexandremagno@ce.ufpb.br. Lattes: http://lattes.cnpq.br/3350754061832805. Orcid: 0000-0003-1979-9361.

Academic life allows us to get in touch with various authors. They inspire us in the theoretical and methodological study of our investigative fields in the areas of knowledge. With them, we dialogue and build possibilities of feeling, thinking, and acting in face of reality and the issues that are present in it. Even with this dialog (physical, virtual, and literary), reality impacts us in such a way that we are led to approach other authors whose readings are motivated, many times, by situations beyond academic life. I tell you that this is a very interesting experience. The purpose of this short text is to initiate approximations between Carolina Maria de Jesus and Paulo Freire, starting from the elements present in Quarto de Despejo and Pedagogia do Oprimido. Elements that enable us to read Quarto de Despejo in Pedagogia do Oprimido and Pedagogia do Oprimido in Quarto de Despejo. For me this is a challenging experience, full of limits and possibilities, but it is necessary because there are challenges in the pedagogical and social thought of Professor Paulo Freire, as well as in the daily life of the oppressed, and only through approximations with the creations of these characters will it be possible to widen the gaps and strengthen resistance within this system flooded by a rhetoric of hate. This task also has to do with the desire to collaborate with decolonial thinking, but that is a topic for a future conversation.

Reading the Word and the World. Carolina de Jesus. Paulo Freire.

Carolina María de Jesús y la lectura del mundo en el cuarto de trastos: vagando en el lugar del discurso hacia lo inédito viable

RESUMEN

La vida académica nos permite acercarnos a diferentes escritores y escritores. Ellos y Ela nos inspiran en el abordaje teórico y metodológico de nuestros campos de investigación y nuestras áreas de conocimiento. Vamos con ellos y ellos dialogando y construyendo y deconstruyendo posibilidades de sentir, pensar y actuar frente a la realidad y los temas presentes en ella. Incluso con este diálogo (físico, virtual y literario), la realidad nos impacta de tal manera que nos lleva a acercarnos a otros escritores, en busca de otras concepciones, cuyas lecturas suelen estar motivadas, por situaciones más allá de la vida académica, nuestras vidas, deseos, curiosidades. Les digo que esta es una experiencia muy interesante. El objetivo de este breve texto es iniciar acercamientos entre Carolina María de Jesús y Paulo Freire, a partir de los elementos presentes en las obras Cuarto de Trastos y Pedagogia do Oprimido. Elementos que nos permiten leer la Sala de Desalojos en la Pedagogía del Oprimido y la Pedagogía del Oprimido en la Cuarto de Trastos. Para mí, ha sido una experiencia desafiante, envuelta en límites y posibilidades; Sin embargo, es necesario porque existen desafíos en el pensamiento pedagógico y social del profesor Paulo Freire, así como en la vida cotidiana de los oprimidos, que solo a través de aproximaciones con las creaciones de estos personajes sería posible ampliar las brechas y fortalecer. la resistencia dentro de este sistema inundada con una retórica de odio. Esta tarea también tiene que ver con las ganas de colaborar con

el pensamiento decolonial, pero este es un tema que podemos dejar para una futura conversación.

Lectura del mundo. Carolina de Jesús. Paulo Freire.

Impulso - Primeiras aproximações junto a obra de Carolina Maria de Jesus

O ponto de partida da leitura das palavras e do mundo são inspiradas em nossas próprias vivências e experiências uns com os outros. As *escrevivências* como diz a Conceição Evaristo. Comigo aconteceu da mesma forma. Uma inquietação acadêmica, especificamente ao ministrar a disciplina Educação de Jovens e Adultos, me levou a Carolina Maria de Jesus. Para mim, sempre foi uma clara intenção, discutir a Educação de Jovens e Adultos contextualizando-a nas histórias dos personagens que fazem a EJA: Quem são? Onde estão? O que fazem? O que sabem? O que querem? e as questões não paravam: Como são? Como estão? Como fazem? Como sabem? Como querem?

O ponto de partida da disciplina era um Círculo de Diálogo sobre esses personagens[2]. Embora o cenário tenha sido uma sala de aula no curso de Licenciatura em Pedagogia, o cenário berço foram os trabalhos de base nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), na cidade de Recife, como engajado na Pastoral de Juventude do Meio Popular (PJMP), em 1979, e na cidade do Jaboatão dos Guararapes, como Noviço na congregação dos Salesianos, em 1983.

Nas vivências mencionadas estavam presentes os (as) personagens, mulheres e homens, cujas experiências sociais estavam repletas de cacos e retalhos que dentro de ações pedagógicas inspiradas em uma concepção de educação tomada como experiência comunitária e uma educação popular enquanto uma educação autodeterminada pelos sujeitos, nos mostravam o quão complexo e desafiante é o tecimento de saberes. Como diz Carlos Rodrigues Brandão, "*saber dá trabalho*!". Talvez tenha sido por isso que Paulo Freire nos alerta para o fato de que *"pensar a prática é, pois, a melhor maneira de pensar certo!".* Isto porque na prática, a teoria é outra. Esses cacos e retalhos, repletos de significados semeados *duramente* ao longo da vida, apontam possibilidades e limites na construção de processos emancipatórios, e é neste contexto que trago a Carolina Maria de Jesus em seu *Quarto de Despejo*.

[2] Entre eles tínhamos, Mestre Bimba, Lia de Itamaracá, Mestre Pastinha, Zabé da Loca, Margarida Maria Alves, Beró, Maria da Fé, Pedro e Antônio, a Meninada de Recife e Jaboatão dos Guararapes e ela, a Carolina Maria de Jesus. Trabalhamos esses personagens, e na andarilhagem da disciplina uma personagem nos convidava a querer estar sempre presente, ela Carolina Maria de Jesus, em sua obra *Quarto de Despejo*. O seguir a andarilhagem com a Carolina possuía algumas justificativas para a escolha, entre elas a escrita de um Diário

Ao tomar a leitura da *Pedagogia do Oprimido* e do *Quarto de Despejo*, sempre esteve presente em meu sentir, pensar e agir, as experiências desafiantes e exitosas das quais tive a oportunidade de vivenciar e experimentar com crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos em situação de risco e vulnerabilidade social, a partir do final da década de 1970.

O que quero dizer com isso é que, agora me dou conta de que ao ler as duas obras, sobre os meus ombros e encostados (as) ao meu corpo, de olhos arregalados, corações batendo ligeiro, e arrepios na pele, o sentir, o pensar e agir daquela gente estava inspirando-me e levando-me no *gingar* nos manuscritos do *Quarto do Despejo* e da *Pedagogia do Oprimido* em uma andarilhagem inacabada, lendo, relendo, escrevendo, reescrevendo, aprendendo, reaprendendo, discutindo e rediscutindo. E isso, eu desejava nas salas de aula do curso de Licenciatura em Pedagogia na UFPE em 2006, e hoje na UFPB, experimentar junto aos jovens que se inscreveram nos componentes curriculares Educação de Jovens e Adultos, Educação Popular, Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos um reinventar o mundo a partir da formação docente.

O Quarto de Despejo em Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus é considerada a precursora da literatura marginal. Para entender a Carolina Maria de Jesus no *Quarto de Despejo* é importante dar-se conta do espaço no qual ela teceu o seu diário, onde os seus pés estavam fincados. Moradora de uma favela da capital paulista, ela trabalhava como catadora e registrava o cotidiano da comunidade em cadernos que encontrava no lixo.

Ela nasceu na cidade de Sacramento (sudoeste de Minas Gerais), no ano de 1914, em uma comunidade rural. Mudou-se para a capital paulista em 1937, teve três filhos - João José, José Carlos, Vera Eunice - e, vitimada pela pobreza extrema, acabou se estabelecendo na favela do Canindé, zona norte da capital paulista, no momento em que surgiram as primeiras favelas na cidade bem como em muitas capitais brasileiras.

Apesar do pouco estudo, tendo cursado apenas as séries iniciais do Ensino Fundamental, ela reunia em casa mais de vinte e cinco cadernos com testemunhos sobre o cotidiano da favela, um dos quais deu origem ao livro *Quarto de Despejo*, publicado em 1960. O livro apresenta, numa prosa atravessada por centelhas poéticas e pensamentos, o registro diário de uma

moradora da favela, a sua cotidianidade. O livro foi traduzido para 13 idiomas[3] e vendido em mais de 40 países. No ano de 1962, o livro tornou-se um *best-seller* internacional.

Vale destacar, ainda, que quando o seu livro foi lançado ela já tinha 20 anos, pelo menos, de vida literária, publicando, sobretudo, em jornais. Portanto, quando o jornalista Audálio Dantas (1929-2018) a encontrou (não a descobriu) na favela do Canindé, ela tinha, em meio aos cerca de 38 cadernos manuscritos mostrados a ele, romances, contos, poesias, letras de músicas, provérbios, peças de teatro. A grande receptividade do livro *Quarto de Despejo* se deve à experiência da Carolina em contar as suas histórias, na forma encontrada por ela para narrar o seu cotidiano[4].

> [...] em 1948, quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós, os pobres que residíamos nas habitações coletivas, fomos despejados e ficamos residindo debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos [...]. O senhor Cantidio Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele era tão agradável. Tomava nosso café, bebia nas nossas xícaras. Ele nos dirigia as suas frases de viludo. Brincava com nossas crianças. Deixou boas impressões por aqui e quando candidatou-se a deputado venceu. Mas na Câmara dos Deputados não criou um projeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais.

Aproximações com o pensamento freireano

Recuperando o que dissemos no momento de impulso do texto, tecemos algumas palavras em torno de como a Educação de Jovens e Adultos precisa dar-se conta da Carolina Maria de Jesus. Aí vem uma situação interessante, a Educação de Jovens e Adultos apenas consegue apresentar a Carolina Maria de Jesus, a partir do momento em que o pensamento pedagógico e social do

[3] No momento estou a ler a versão em alemão, que tem como título “Tagebuch der Armut Aufzeichnung einer brasilianischen Negerin” "Diário de Registro de Pobreza de uma Negra Brasileira". Na contracapa da edição alemã há a seguinte nota „…Das Tagebuch der Armut ist ein menschliches Dokument von starker Eindringlichkeit“.O diário da pobreza é um documento humano de grande urgência.

[4] Um fato interessante que podemos destacar, a partir de sua biografia é que, no dia de lançamento do seu livro Quarto de Despejo (19 de agosto de 1960), o editor da Livraria Francisco Alves (Paulo Dantas), dizia que Carolina Maria de Jesus não apenas lançava um livro, mas “fazia uma revolução”. Na época, ela sofria muitos preconceitos da classe intelectual brasileira.

educador Paulo Freire inicia a sua presença mais intensa com a *Pedagogia do Oprimido*.

Quão seria maravilhoso se esses dois queridos personagens pudessem ter tido a oportunidade para um momento de prosa, um momento dialógico de partilhar saberes, de partilhar leituras de mundo? Entretanto, este momento de prosa pode ser feito, ao aproximamos as principais obras desses queridos personagens. Promover o encontro entre *Quarto do Despejo* da *Pedagogia do Oprimido.* Aproximar duas produções literárias possuidoras de uma grande complexidade. Poderia dizer que o *Quarto de Despejo* complexifica a *Pedagogia do Oprimido* e a *Pedagogia do Oprimido* complexifica o *Quarto de Despejo*.

Após completar 100 de seu nascimento (1914-2014), Carolina Maria de Jesus ainda é vista como uma catadora de lixo! Esta visão ainda perpassa a academia. Torna-se importante ampliar esta leitura em torno do mundo da Carolina. Ela é uma das grandes escritoras, pensadoras e intelectuais negras brasileiras. A sua literatura é forte. Por conta disso, no ano de 1942, ela já possuía um livro pronto para ser publicado, tentou até publicá-lo no início dos anos 1950, mas não conseguiu. O resgate da Carolina Maria de Jesus é providencial e urgente para a compreensão do fenômeno social brasileiro, sobretudo em tempos da retórica do ódio. Decorre deste motivo a necessidade de apontar elementos em sua obra e que se aproximam do pensamento freireano.

Há em *Quarto de Despejo* antropologia, sociologia, filosofia e denúncia sociocultural e racial, como dizem alguns autores, algo ainda pouco explorado no Brasil de forma tão energética e direta como a escritora mineira soube fazer. A seguir, eis um dos primeiros elementos para esta aproximação com o pensamento freireano posto em reflexão por Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido*.

> Mais uma vez os homens (e mulheres), desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem, a si mesmos, como problema. Descobrem que pouco sabem de si, de seu "posto no cosmos", e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura. Ao instalar-se na quase, senão trágica descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problema a eles mesmos. Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas[5].

A Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de Desejo*, marca um "lugar de fala", da oprimida, da excluída que não quer ser vista como "*coisa*", mas como

[5] FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido* 10a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981. P. 29

"*gente*"! que indaga, responde e lança novas perguntas. Sua *gentificação* está no processo que vai tecendo desde os anos 1940 no processo de dar-se conta como sujeito histórico. Em seu livro, Carolina quer falar por si, sem intermediários, sem interpretações, sem interferências. Paulo Freire em suas obras *Educação como Prática de Liberdade, Pedagogia do Oprimido, Conscientização, Pedagogia da Indignação*, nos ajuda a pensar o lugar da fala de Carolina. Por isso, no Centenário do nascimento de Paulo Freire torna-se necessário fortalecer na ação pedagógica junto aos excluídos, na Educação de Jovens e Adultos, nos Movimentos Sociais, nos trabalhos de Base, etc. o potencializar do *"pensar a prática [que] é, pois, a melhor maneira de pensar certo!".* Vozes de carolinas e carolinos pelo Brasil e pelo mundo podem adensar clamores coletivos pela diminuição do sofrimento humano. Por isso, o nosso, o nosso interesse de aproximar a Carolina Maria de Jesus e o Paulo Freire de favelados(as), aprisionados(as), trabalhadores(as) dos campos e das cidades [...] desta Meninada (os Erês) que dentro das escolas públicas estão também juntando os seus cacos e retalhos, no sentido de tecer uma sociedade criativa, curiosa, crítica e participativa.

Carolina Maria de Jesus escreveu a partir de onde estão fincados os seus pés, o mesmo ocorreu com Paulo Freire. Este é, para mim, mais um elemento, senão o principal, que aproxima *Quarto de Despejo* da *Pedagogia do Oprimido*. E é dentro destes pés fincados no chão, nordestino, mineiro, brasileiro e latino americano que devemos seguir na andarilhagem do pronunciar a palavra, palavras grávidas de mundo, junto ao mundo no qual é preciso anunciar e denunciar. Paulo e Carolina, Carolina e Paulo estão presentes nesta andarilhagem que valoriza o lugar na fala rumo ao *inédito viável*.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 10ª. Edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. 10ª. Edição. São Paulo: Ática, 2014.